



SOCIEDADE MONOCROMÁTICA

A arte urbana no Brasil vive, momentaneamente, em uma linha tênue entre o que é e quem a define. Culturalmente, ela é empregada pela população dita marginalizada, tentando causar impacto na sociedade. E políticos tradicionalistas a veem como algo ultrajante e contra as normas do bom senso.

Sua história surgiu na década de 70, em um período conturbado e censurado pelos militares. Como uma forma de expressão, a arte começa a ser empregada como meios de manifestação, recorrendo a grafites, esculturas e instalações com nenhum padrão estético e com objetivo de criticar a alienação da sociedade e da mídia.

Os artistas delinquentes, assim chamados pelos cidadãos conservadores, são prejudicados pelas decisões autoritárias de políticos com conceitos primitivos, que tentam manipular a arte de rua. Um exemplo são os gêmeos Gustavo e Otávio Pandolfo, que têm suas obras espalhadas por cidades do EUA, Inglaterra, Alemanha e que aqui no Brasil são cobertas de cinza, deixando avenidas, então coloridas, com uma cor só.

A arte vai além das paredes dos museus. É hora de manifestar e provar aos governantes que a sociedade valoriza a arte urbana. Criação de projetos para liberação de locais que tenham a atenção que o artista quer, questionário à população para verificar a adesão a essa forma de exposição pública e programas para incentivar a arte de rua por meio de palestras e planejamento *online* são medidas que o Estado poderá adotar para satisfazer o desejo da massa de habitantes “coloridos” e deixar os “tons de cinza” para a dramaturgia.

Maria Beatriz Pamplona
3º ano / Itajaí
2017